

A oração pelos amigos de Deus*

As vidas dos santos; que são essas coisas salvo ilustrações práticas do evangelhos? A diferença entre a Palavra e as vidas dos santos é como a música instrumental e a mesma música cantada por vozes vivas.

Francisco de Sales

A oração é a expressão de uma vida... Eleva-se de uma hinterlândia que determina sua qualidade... Não é exagero dizer que para cada pensamento que damos à oração propriamente dita – excetuando-se, a prática real da oração, que é vital a cada estágio – deveríamos dar dez vezes mais à vida por detrás da oração.

Sra. E. Herman

Enquanto escrevo este livro, tenho a feliz opção de trabalhar em duas salas diferentes. No andar de baixo está o estúdio do porão, onde fico fechado por quatro paredes sem janelas. Entretanto, aquelas paredes estão cercadas por prateleiras que contém vividamente o que tenho chamado de “a comunhão dos santos”. Essa é a amizade dos cristãos passados, cujos discernimentos na vida com Deus eu tanto entesouro, portanto têm-me ajudado a transformar minha própria vida. No andar de cima, posso trabalhar em uma sala com janelas panorâmicas que me dão uma visão global da cidade de Vancouver, com seu magnífico conjunto de montes à beira do oceano Pacífico.

Essas duas perspectivas são símbolos de nossas vidas. No andar térreo, na parte subterrânea, temos o espaço do internamento, que pode ser assustador ou mesmo aprisionador para pessoas cujas vidas são caóticas, solitárias ou desesperadas. Alternativamente, podemos experimentar um bom espaço interior para amigos. No andar de cima, vivemos nossa vida pública, com seus muitos relacionamentos e atividades.

A oração tem lugar em ambas dimensões, interna e externa, pessoal e social. O equilíbrio de nossas vidas jaz no uso da solidão com Deus para enriquecermos a comunidade com nossos amigos, e o uso da comunidade para aprofundar a nossa solidão com Deus. Conforme observou certa feita Dietrich Bonhoeffer, o escritor do século XX, nenhum de nós pode dar-se ao luxo de usar de solidão, se não vivemos em uma comunidade, nem podemos ter real comunidade sem a solidão. Eis a razão pela qual tantas pessoas que vivem sem oração, mostram-se tão superficiais com seus semelhantes; e também porque pessoas que parecem ser muito religiosas são suspeitas por causa do intenso individualismo de sua fé.

Essa analogia entre as duas salas e as nossas vidas, podem ser empurradas um pouco mais longe. A visão do andar de cima mostra o grande porto de Vancouver, o enfoque de muitas linhas de comunicação entre o Canadá e o Pacífico. Montes de enxofre amarelo foram trazidos até ali dos antigos leitos do lago de Alberta. Elevadores de grãos estão repletos de grãos colhidos nas pradarias. As docas de pesca descarregam salmões das águas costeiras. Toda essa exibição de riquezas e atividades alimenta a vida econômica de Vancouver, bem como muitas outras comunidades ao redor do globo. No térreo, em meu estúdio, também há uma riqueza de recursos, guardada em minhas prateleiras. Aqueles livros estão repletos de pensamentos e reflexões que ajudam a enriquecer a minha vida e me capacitam a comunicar-me com outras pessoas.

Para todos nós, a oração pode ser o mais importante recurso de todos.

* James Houston. *Orar com Deus: desenvolvendo uma transformadora e poderosa amizade com Deus*. São Paulo: Abba Press, 1995, pp. 249-276.

A oração e a comunhão dos santos

Já pudemos explorar um pouco do vasto território da oração contido na Bíblia. Os recursos da Bíblia quanto a uma vida de oração, são vastos e profundos. Queremos agora ampliar-nos um pouco mais, refletindo sobre as explorações do povo de Deus nas diferentes tradições ou famílias da oração. Algumas dessas tradições são mais aventureiras do que outras, mas todas elas podem ajudar a enriquecer a nossa própria vida de oração.

Como vimos no último capítulo, o apóstolo Paulo orou para que fizéssemos nossas próprias explorações no campo da oração, “com todos os santos”. Se simplesmente nos concentrarmos na oração, nossa introspecção pode enganar-nos, ou mesmo danificar nossas vidas espirituais, mas precisamos, antes, de andar com o povo de Deus, no passado e no presente, aprendendo com a experiência de que eles compartilham conosco.

Ao mesmo tempo, é triste que em algumas tradições, superstições a respeito dos santos tenham nublado nossa apreciação quanto a eles. Orações dirigidas aos santos, em lugar de Deus, e a adoração dos santos, têm causado grande confusão nas mentes de muitos cristãos. Não precisamos que os santos orem a Deus por nós, quando Deus é o nosso Pai, Jesus Cristo é o nosso Mediador, e o Espírito Santo nos ajuda a orar, mesmo quando não podemos expressar nossos sentimentos. Portanto, por que essa ênfase sobre a oração feita aos santos surgiu em primeiro lugar?

Nos primeiros séculos da Igreja cristã, havia uma ênfase que recaía sobre a glória do martírio. Morrer pela própria fé em Jesus era visto como a maior expressão possível de amor e de lealdade para com Ele. Aqueles que tinham morrido por sua fé eram venerados, e gradualmente o povo começou a orar a eles, e a acreditar que eles oravam a nosso favor diante de Deus.

Algumas poucas vozes de dissensão foram levantadas contra a crescente crença de que os santos intercediam em oração pelos vivos, mas eram controlados por uma sucessão de poderosos líderes eclesiásticos. Líderes como João Crisóstomo, Ambrósio e Agostinho sustentavam o direito de os fiéis orarem nos túmulos dos santos e venerar suas relíquias. Essas práticas foram compensadas pelo ensino dos teólogos, como Ambrósio, no sentido de que Jesus ocuparia a posição central ao orar por nós a

Ele é a nossa boca, por meio da qual falamos ao Pai; Ele é os nossos olhos, por meio dos quais vemos o Pai; Ele é a nossa mão direita, por meio da qual nos oferecemos ao Pai. A menos que Ele interceda, não haverá intercurso com Deus, ou por nós ou por todos os santos.

Muito mais tarde, em 1523, Martinho Lutero citou as palavras de Ambrósio como a razão pela qual a adoração aos santos deveria ser totalmente eliminada. Outro reformador, João Calvino, também atacou a habilidade dos santos orarem pelos vivos:

Eles não abandonaram seu próprio repouso a fim de deixarem-se atrair pelos cuidados terrenos; e muito menos ainda devemos nós estar sempre clamando a eles!

Se existe alguma virtude em lembrar os santos, isso devesse ao seu exemplo, e não às de suas orações. O bispo Hall de Norwich, no século XVII, resumiu a posição que mais provavelmente reflete os pontos de vista de muita gente, entre aqueles que pertencem atualmente à Igreja:

Oh, vós, benditos santos acima, honramos vossas memórias tanto quanto deveríamos; com louvores contamos vossas virtudes; magnificamos vossas vitórias; abençoamos Deus por vossa feliz isenção da miséria deste mundo, e por nós estardes naquela bendita imortalidade; imitamos vosso santo exemplo; desejamos e oramos por uma feliz associação convosco. Não ousamos erguer templos, dedicar altares,

dirigir orações a vós; e, finalmente, não ousamos oferecer qualquer coisa a vós que não queirais receber, e nem vos imporemos qualquer coisa que consideraríeis como prejudiciais a vosso Criador e Redentor.

Se os teólogos têm tanta dificuldade tentando vindicar a superstição milenar das orações aos santos, a cultura moderna tem escavado a prática inteira, fazendo-a retroceder para a relevância do passado. A vida moderna tem a memória curta, como bem pouco senso da história. A fé cristã não pode esquecer-se do passado, porque os eventos do passado são centrais para todo o seu significado. Nossa fé depende do fato de que Jesus Cristo viveu, morreu e foi ressuscitado dentre os mortos, formando uma série de eventos históricos.

Os cristãos que viveram no passado, também nos vinculam ao propósito de Deus, conforme vemos o caminho em que isso tem operado através do tempo. Se perdermos nosso senso de história, amputaremos uma parte vital da existência humana e nos cortamos de um maior sentido de Deus em operação.

A comunhão dos santos, por conseguinte, implica duas grandes realidades. A primeira é que a oração nunca pode divorciar-se da forma certa de vida. Podemos aprender isso olhando para o caminho como viveram cristãos antes de nós.

A oração exprime nossas vidas inteiras na presença de Deus. Orar é pedir que Deus transforme as nossas vidas. A adoração que não busca essa transformação de vida, não é adoração verdadeira. É porque muitas pessoas se mostram indispostas a enfrentar alguma atitude radical em seus atos que a adoração anda em nível tão baixo atualmente.

A segunda implicação é que a oração não pode ser divorciada das tradições históricas seguidas pelos cristãos do passado em sua própria amizade com Deus, e acerca do que foram pioneiros. Considerando seus elevados padrões de fé e devoção, podemos ser elevados acima dos preconceitos e dos pontos cegos de nossa própria cultura para nos tornarmos mais conscientes de nossa própria cultura, para nos tornarmos mais conscientes de nossa própria era. Podemos aprender a liberar a complacência acerca da oração que é tanto uma característica de nossa cultura, para começarmos a levar a oração mais a sério.

Enquanto não lermos a *Confissões* de Agostinho, não teremos idéia da honestidade que podemos expressar diante de Deus. Enquanto não lermos os escritos de Teresa de Ávila, podemos não apreciar devidamente o apaixonado amor a Cristo que podemos cultivar em nossa própria vida de oração. Enquanto não lermos os escritos devocionais dos místicos medievais, poderemos continuar completamente inconscientes das profundezas da vida de contemplação.

Se às nossas experiências emocionais com Deus faltar um entendimento de História e de compreensão na Bíblia, nossas emoções podem levar-nos a longa distância da verdade. Precisamos tanto de uma vida transformada quanto do conhecimento do ensino cristão e da História, a fim de recebermos estabilidade. Com essas duas luzes orientadoras, não precisamos temer a aventura à nossa frente – uma vida de oração em aprofundamento.

Entretanto, há também um terceiro elemento que deveríamos acrescentar quando nos exercemos na comunhão dos santos. Esse terceiro elemento deve tornar-se bem conhecido da Igreja pelo mundo inteiro. Precisamos ler plenamente todas as tradições vivas da fé cristã, bem como as tradições do passado.

Quando assim fazemos, começamos a perceber quão mais rica é a experiência da oração do que as atitudes que temos sido ensinados a aceitar. Também seremos desafiados a aceitar mu-

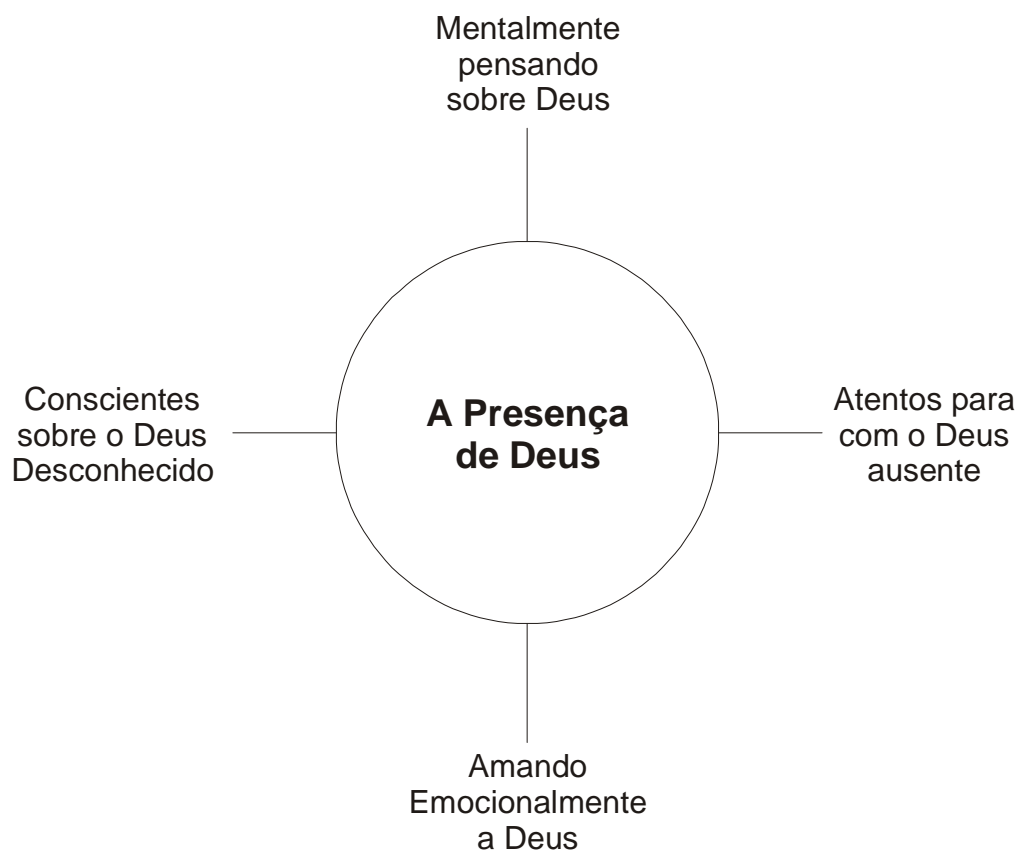
danças em nossa compreensão da oração e de nossa vida na presença de Deus. Tal como uma amizade humana jamais pode ser estática, assim também nosso relacionamento com Deus, em oração, não pode permanecer uma série estática e imutável e imutável de hábitos.

Uma fé viva cresce e muda conforme se vão desenvolvendo nossas relações com Deus.

Vivendo em todas as esferas da oração

Um certo número de tradições sobre a oração tem marcado diferentes períodos da história da Igreja. Essas tradições, ou estilos de adoração, continuam vivas e formam a experiência viva de Deus, quanto a diferentes grupos de cristãos. Essas diversas esferas de oração estão abertas para nós, em nosso próprio crescimento pessoal. As tradições são resumidas no primeiro diagrama.

Conforme ilustra o diagrama, aproximamo-nos da presença de Deus com mente e coração, mais pensadores ou mais movimentados emocionalmente. Também podemos ser atentos a Deus, mediante a leitura da Bíblia, ou usando outros símbolos que nos fazem lembrar dEle. Falamos sobre isso com “atenção”, como se em Sua ausência, precisemos de lembretes que nos ajudem a descrevê-Lo e sermos atentos a Ele.



Mas também experimentamos Deus como impossível de ser conhecido, como Moisés descobriu, quando uma nuvem ocultou Deus de sua visão. Então enfocamos em admiração profunda e admiração sobre o grande mistério de Deus. Paradoxalmente, é ocasionalmente que sen-

timos o Seu grande mistério que Ele parece estar presente conosco da maneira mais íntima possível.

Agora podemos desenvolver ainda mais o diagrama, ao distinguir quatro quadrantes, expressando quatro tipos de oração.

Começamos pelo exercício da oração verbal, quando estamos usando nossas mentes mais vigorosamente, expressando-nos em “atenção” diante de Deus, com o uso simbólico da linguagem. Esse tipo de oração é mais típico da tradição “reformada”. A oração meditativa é menos articulada no uso das palavras, mesmo porque envolve mais o uso dos sentimentos do que o uso da mente. Porém, tanto a oração verbal quanto a oração meditativa voltam-se para o lado “atento” ou descritivo da celebração da presença de Deus.

Entretanto, existem tempos, quando as palavras ou mesmo pensamentos são desnecessários, e podem até ser uma intrusão, pois sentimos que estamos na presença de Deus de maneira tão íntima e pessoal, que nada mais se torna necessário; pois coração comunga com coração. É como a experiência de dois amantes que se seguram as mãos. Se lhe perguntarmos o que disseram ou ao outro? Nada. O que você faz? Novamente, nada. O que, então, aconteceu? Tudo! Assim também, na oração contemplativa, o coração é poderosamente afetado pela presença de Deus, contudo a experiência não precisa de palavras. Isso não é alguma coisa ativamente buscada por aquela pessoa que está orando, mas antes, vem como um dom da parte de Deus.

Esse senso convincente da presença de Deus, essa “consciência”, não requer o uso de palavras: os místicos chamam-no de “oração tranqüila”. Por sua vez, a oração contemplativa pode levar à experiências extáticas de oração, quando, literalmente, parecemos ser “tirados para fora de nós mesmos” conforme o sentido da palavra “extático” na verdade significa. Tais experiências naturalmente nos desafiarão a usar mais ainda as nossas mentes, e a buscar qual é o sentido dessas operações do Espírito de Deus em nós.

O segundo diagrama ilustra como cada um de nós pode experimentar um ou mais desses tipos de oração, embora a forma verbal seja mais comum entre nós, hoje em dia. Provavelmente isso é assim, porque vivemos em uma cultura tão fortemente racionalista. Tornou-se característica da Igreja após a Reforma Protestante, mas através da Idade Média, a meditação era muito mais normal, certamente no meio monástico.

Talvez a oração contemplativa estivesse em um elevado ponto no século XIV, quando os grandes místicos eram praticantes da oração. A oração extática sempre foi uma experiência breve e momentânea de oração, embora certas tradições, tal como o movimento carismático de hoje em dia, tenham posto forte ênfase sobre essas tradições.

Oração verbal

As Escrituras são ricas em exemplos de oração verbal. Muitas personagens do Antigo Testamento faziam longas orações, e o Livro de Salmos está cheio de todos os tipos de oração expressas por Deus. O Novo Testamento também é rico em orações verbais, especialmente nas epístolas de Paulo, conforme vimos no último capítulo. Essa ênfase sobre a oração verbal tem sido seguida pelos cristãos através da história.

Nos evangelhos, a história do cego Bartimeu, tem sustentado uma forte tradição de oração verbal nas Igrejas Ortodoxas. Bartimeu clamou a Jesus:

Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim! (Mc 10.47)

Essa oração forma a base da “Oração de Jesus” da Igreja Ortodoxa:

Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem misericórdia de mim, um pecador.

A prática anglicana da oração é dominada pelo Livro da Oração Comum, que se originou da Reforma Inglesa, após o ano de 1549. O Livro de Oração foi usado para ensinar ao povo comum a abordagem reformada à oração e à adoração. A grande ênfase dessa tradição consiste na necessidade de confessarmos nossos pecados perante Deus, na oração e no louvor coletivos.

George Herbert apanhou a dupla ênfase da confissão e da ação de graças em seu poema, que mais tarde tornou-se o hino intitulado “Rei da Glória, Rei da Paz”.

Embora meus pecados contra mim clamassem, Tu me esclareceste;
E sozinho, quando eles replicaram, Tu me ouviste.
Sete dias inteiros, não um em sete, Eu Te louvarei.
Em meu coração, embora não no céu, posso elevar-Te.
Tu ficaste suave e molhado de lágrimas, Tu Te abrandaste;
E quando a justiça clamou por temores, Tu dissentiste.
É coisa pequena, dessa sorte pobre, contar contigo;
A própria eternidade é muito curta. Para Te exaltar.

Lancelot Andrewes foi outro grande mestre do século XVII, que seguiu a tradição de oração como confissão, seguida por ação de graças. Oramos, argumentava ele, não somente para apresentarmos nossas necessidades pessoais a Deus, mas porque nos é ordenado orar;

Assim, quando Cristo nos ordena orar, Ele não deixa isso como coisa de nossa própria escolha, mas obriga-nos à realização da mesma; pois a oração não somente é requerida como algo que supre a nossa necessidade – pois quando sentimos necessidade, não precisamos sentir-nos provocados a orar... mas isso nos é requerido como parte do serviço prestado a Deus. Ana, estando no templo, “serviu a Deus mediante a oração”; e pela oração, os apóstolos realizavam aquele serviço ao Senhor.

Ser alguém crente, é ser alguém que ora. E ao orarmos, precisamos cuidar do que dizemos, bem como, de como o dizemos. O século XVII viu uma controvérsia na Inglaterra, enquanto aqueles que defendiam a oração escrita, lida em voz alta, e aqueles que só permitiam orações espontâneas, ditas diretamente no coração. Durante a controvérsia, foi estabelecido o importante ponto de que o Livro de Orações provia pessoas pouco educadas com um bom ensino acerca de suas orações – algo que as orações espontâneas não poderiam fazer. O benefício de orarem juntos, com base no Livro de Orações, também foi reconhecido quando as pessoas expressavam as necessidades concordadas, como uma comunidade, a Deus.

João Calvino falou sobre essa necessidade de equilíbrio em nossas vidas, entre as orações ditas em público e as orações feitas em particular:

Devemos considerar que quem quer que se recuse a orar na santa assembléia dos piedosos, não sabe o que significa orar individualmente, nem em algum lugar secreto, nem no próprio lar. Novamente, aquele que negligencia orar sozinho, em particular, mesmo que apenas de vez em quando, pode freqüentar assembléias públicas, oferece ali apenas orações de vento, porquanto cede mais diante da opinião dos homens do que ao julgamento secreto de Deus.

Calvino viu a oração pública como a maneira de fazer tudo “decentemente e em ordem”, conforme o apóstolo Paulo havia ordenado em uma de suas cartas. Ele defendia o uso das orações

escritas, apontando para a oração do Pai Nosso, que tinha sido dada aos discípulos, pelo Senhor Jesus:

De Sua bondade a esse respeito, derivamos o grande consolo de saber, que conforme pedimos quase em suas palavras, nada pedimos que seja absurdo, ou estranho ou desarrazoável; coisa alguma, em suma, que não seja agradável a Ele.

A oração do Pai Nosso nos foi dada como verdade revela, acerca de Deus e da maneira pela qual Ele responde às nossas necessidades. Por certo nunca poderemos melhorar essa oração, ao nos dirigirmos a Deus.

A oração é a maneira pela qual expomos a nossa ignorância ou a nossa sabedoria, nossas atitudes erradas ou nossas atitudes certas a Deus. As verdadeiras orações sempre exprimem reverência a Deus, um real senso de necessidade, a anulação do orgulho e a confiança de ser ouvido por Deus. As orações escritas podem ajudar-nos a educar-nos quanto à compreensão dessas diferentes dimensões da oração, mas essa educação também deve seguir mão a mão com uma consciência pessoal de que essa é minha própria oração, que estou oferecendo a Deus – e não simplesmente uma oração que estou lendo em voz alta. A oração deve ser tanto verbal quanto mental, proveniente do coração.

Martinho Lutero também salientou que a oração, não é um extra opcional na vida cristã. Orar é um privilégio ímpar e é o principal trabalho do crente. Ele dizia que tal como uma mulher poderia preparar-se para o dia, olhando para três espelhos, em sua penteadeira, assim também o crente tem uma tríplice devoção, a cada dia, ao recitar o Credo dos Apóstolos, os Dez Mandamentos e a Oração do Senhor. Essas coisas nos ensinam como desfrutar de uma correta relação com Deus, e nos conclamam para pô-la em prática. Lutero viu que a oração, expressa, essencialmente, a nossa fé em Deus, mediante uma “subida do coração até Deus”. Ao confessarmos nossos pecados, pedindo-Lhe para satisfazer nossas necessidades e dando-lhe graças, nossas vidas são oferecidas a Deus:

A oração torna-se vigorosa mediante a petição, urgente, mediante a súplica; agradável e aceitável pelas ações de graças. Força e aceitação combinam-se para que ela prevaleça, e, mediante a petição, torna-se segura.

Recitar a oração do Senhor, sempre tem sido visto como importante desde os primeiros dias da Igreja. Cipriano, bispo de Cartago, disse que na oração do Senhor “nada existe, em absoluto que diga respeito às nossas petições e orações”. Orígenes, um líder cristão e escritor do Egito, comparou a oração do Pai Nosso como uma peça escrita que as crianças copiam na escola para ajudá-las a aprender a escrever. Gregório de Nissa, que escreveu no século IV D. C., dizia que todos os nossos vãos desejos e petições tolas, são excluídos quando somos educados nas realidades da oração do Pai Nosso. Aquela oração, pois, torna-se um guia para manter-nos no trilho certo, em nossas orações pessoais. O valor da oração do Pai Nosso, como educação, era largamente aceita; como resultado, aquela oração era ensinada aos novos convertidos, quando eles se preparavam para o batismo.

Na mais antiga referência que temos sobre o uso da oração do Pai Nosso, assume-se que a mesma seria recitada três vezes por dia. Cem anos mais tarde, a disciplina cristã também exigia que essa oração fosse recitada à meia-noite. Isso representava o ideal, mas como agora, sempre houve um abismo entre a teoria e a prática. A falta de oração foi um problema, razão pela qual Gregório de Nissa queixa-se, em um de seus sermões:

As atuais congregações precisam ser instruídas não sobre como devem orar, mas sobre a necessidade de orarem, para começo de conversa.

Tudo isso sugere que a oração verbal é centralmente importante na vida do crente. Isso enfoca a nossa atenção sobre a importância educacional da oração do Pai Nosso, que estabelece a agenda para as nossas próprias orações, e requer pensamento completo e a fala de nossas orações – mesmo quando essas orações forem espontâneas.

Entretanto, na oração há mais do que verbalização. “Dizer as nossas orações simplesmente não basta”. O verdadeiro crente precisa devotar sua nova vida à oração. Clemente de Alexandria, um dos primeiros escritores cristãos, fora do Novo Testamento, expressou a questão como segue:

Não em algum tempo específico, ou em algum templo seletivo, ou em certas festividades ou dias, mas durante a sua vida inteira, o crente, em todo o lugar, reconhece sua gratidão pelo conhecimento quanto à maneira como ele vive. Cultivamos nossos campos, louvando, velejamos pelos mares, cantando.

Por semelhante modo, o uso feito pelas igrejas orientais da oração do Pai Nosso, é mais do que a mera recitação das palavras. É também uma oração da mente, em que as palavras são tranqüilamente meditadas, como também é uma oração do coração, em que a pessoa inteira é arrebatada em oração. O bispo Teófanos, da igreja oriental, resumiu a prática da oração do Pai Nosso nestas bem conhecidas palavras:

A coisa principal consiste em ficarmos defronte de Deus com o intelecto no coração, e prosseguir de pé na presença Dele, incessantemente, dia e noite, até o fim da vida.

“Ficarmos à frente de Deus” sugere uma abordagem permanente em nosso relacionamento pessoal com Deus. “No coração” sugere que nossa pessoa é inteiramente transparente na presença de Deus. “Com o intelecto no coração” significa que na cabeça e o coração, em nossas orações. “Ficar de pé... incessantemente” sugere um relacionamento contínuo.

Na primeira epístola aos Tessalonicenses, Paulo diz-nos para “orar sem cessar”. Na tradição oriental, essas palavras têm sido interpretadas como uma completa reorientação na vida e não apenas uma recitação verbal de oração. Isso conduz-nos ao segundo quadrante da oração: a meditação.

Meditação

Meditar significa refletir com nossas mentes sobre a Bíblia e as verdades de Deus, a fim de amarmos a Deus mais pessoalmente e vivermos como Ele quer que vivamos. A meditação é uma forma de conversa com Deus, ou na presença de Deus, que é mental, ao invés de ser meramente verbalizada.

Apesar da ênfase sobre o aspecto mental, grandes escritores cristãos deixaram suas meditações para nosso benefício! No primeiro Salmo, a meditação é uma característica que salienta o contraste entre o “caminho do justo” e o “caminho do ímpio”.

Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores.

Antes o seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite.

(Sl 1.1,2)

Esse salmo de introdução é, provavelmente, a chave para o inteiro livro de Salmos, portanto, o propósito inteiro dos Salmos é servir de fonte de meditação para o povo de Deus. Os Salmos foram originalmente escritos à base de meditação na presença de Deus, e continuam provendo a base para toda oração meditativa.

De acordo com a tradição monástica medieval, a oração e a leitura caminhavam juntas. A oração era curta e brevemente expressa. Era seguida, então, por leitura prolongada, que, por sua vez, impulsionava, uma vez mais, a oração. Os monges eram ensinados a ver a oração e a leitura como atividades inseparáveis, e entregavam-se a ambas as atividades. Entre essas duas atividades, destacava-se também a meditação, que era vista como um reflexo sobre as Escrituras e a memorização das mesmas, depois de elas terem sido lidas.

A idéia era evitar o tipo raso de leitura, que estamos tão acostumados a fazer. Eles tentavam envolver a pessoa inteira na leitura. Isso requeria admiração pelo que estivesse sendo lido; impulsionava o desejo e despertava a atenção. Era um exercício livre, muito diferente de nossas leituras, que são ilimitadas por regras, por um método, quanto a uma certa duração de tempo. Resultava em reverência e um amor à Bíblia, preparando a mente e o coração para mais oração ainda.

Diferente da oração verbal, que com freqüência tem sido uma forma de disciplina e uma prova de resistência, durante períodos de sequidão espiritual, a meditação sempre foi um deleite espiritual e uma alegria nas maravilhas dos mistérios das Escrituras, sobretudo em seu uso dos Salmos. A meditação tem desenvolvido uma imaginação sagrada, impelida pelo espírito de gratidão e pela participação de pensamentos com outras pessoas. Embora o ato de oração fosse breve, o estado de oração era constantemente sustentado pelo espírito de meditação. Em resultado, o clima inteiro da alma votava-se ao anseio profundo por Deus. Esse clima de anseio contínuo irrompia, de vez em quando, em alguma oração verbal.

Dois tipos de escrita derivaram dessa tradição de oração meditativa. Havia orações dirigidas pessoalmente por Deus (como as orações compostas por Anselmo), e havia temas propostos pela meditação (compostos por Thierry, Bernardo de Clairvaux e Aelred de Rievaulx). Os temas giravam principalmente em redor dos mistérios de Cristo, Seus sofrimentos e Sua morte.

A vida monástica, que incluía silêncio, jejum, vigílias, purificação do coração, arrependimento, humildade e paciência, tornava possível um clima de oração que encorajava aquelas meditações.

Essa grande tradição tem muito a dizer a nós, hoje em dia, tanto para aqueles que não praticam a meditação como para aqueles que a praticam. Para aqueles que nunca aprenderam a meditar, aprendemos que a leitura da Bíblia, sem a meditação é estéril, tal como a meditação não-guiada pela Bíblia é enganadora, e pode ser até destrutiva. Por semelhante modo, a tradição revela-nos que a oração sem a meditação é fraca e sem poder.

Para aqueles que costumam meditar, a tradição medieval lança algumas linhas diretrizes valiosas. Mostra-nos que algumas formas modernas de meditação podem ser perigosas. A meditação está sendo encorajada sem qualquer referência à Bíblia, e, por conseguinte, um pensamento insuficiente está sendo dado ao assunto da meditação.

A meditação sem referência a Deus não é verdadeira meditação cristã. Não podemos tomá-la, como nas muitas formas de meditação secular que se vêem hoje em dia, simplesmente para aliviar a pressão, da mesma maneira que o exercício físico promove a morte física. Os cristãos que meditam, têm sempre visto a importância vital de mantermos um relacionamento pessoal com Deus, submetendo-nos a Ele, a fim de meditarmos de modo apropriado.

É aí que a meditação cristã difere tão agudamente da Meditação Transcendental e suas relações. Não obtemos acesso desajudado à presença de Deus mediante a respiração ou sentados da maneira correta. Não entramos em experiências extáticas através do uso de drogas, nem certos gurus são os “conhecedores” da meditação cristã. Todos esses artifícios são negados pela cruz de Cristo e pela nossa confiança na verdade e na ressurreição de Jesus, para produzir em nós a salvação de que precisamos. Toda a nossa meditação depende da obra feita por Jesus, por nós, tendo-nos dado acesso da presença de Deus. Tal como o compositor do primeiro Salmo se deleitava na lei do Senhor, meditando sobre a mesma de dia e de noite, assim também toda verdadeira meditação sobre a revelação divina através da Bíblia, por meio de Jesus Cristo.

Francisco de Sales, escrevendo no começo do século XVII, tinha muitas palavras sábias a serem ditas sobre a meditação, as quais foram grandemente negligenciadas em seus dias. Eis como ele recomendava às pessoas que meditassem: ponha-se na presença de Deus, aconselhava ele, e perceba com aguda intensidade quão presente Deus se oferece a nós, não somente porque Ele está por toda parte, mas, porque Ele também está dentro de nosso coração e espírito. É o Seu Espírito, vivendo dentro de nós, que nos anima a meditar na presença de Deus.

Tendo-se preparado, agora reflita sobre a humanidade de Jesus. Ele nos contempla do céu com a mais profunda compreensão de nossa condição humana, com todas as suas necessidades e aflições. Perceba que Jesus está realmente presente com você. Agora pense acerca de um certo aspecto da vida de Jesus – Seu ensino, ou algum evento de Seu ministério que lhe chame a atenção e ajude a mudá-lo e que você absorve dentro de si mesmo. Precisamos resguardar-nos contra desejos vagos e generalizados por Deus que não enfoquem, especificamente, a nossa atenção nas áreas nas quais precisamos ouvir e obedecer a Deus.

Finalmente, agradeça a Deus pelos pensamentos específicos que Ele lhe tiver dado para você meditar a respeito. Devote-se a fazê-los ocorrer em sua vida, pedindo de Deus a força para fazer tal coisa. O ponto inteiro da meditação, no dizer de Francisco Sales, é vermos nossas vidas mudadas em consonância com nossas meditações. Por causa disso, precisamos evitar terminar abruptamente nosso tempo de meditação, mas aprender a retirar-nos lentamente de nosso tempo passado na presença de Deus. Essa longa pausa permite-nos retornar à vida prática diária, levando conosco os nossos pensamentos.

Os puritanos da Inglaterra e a Nova Inglaterra viam a meditação não como um exercício em si mesmo, como poderíamos tender a fazer atualmente, mas como parte do caráter inteiro da piedade. Para eles, a meditação não era uma espécie de introspeção, experimentada quando nos dispomos a meditar. Nem era uma série definida vagamente de “bons pensamentos”, produzida após uma boa refeição, observando um pôr-do-sol, conversando com antigos amigos, ou ouvindo um grande sermão. Pelo contrário, a meditação exprimia a nossa seriedade em nos tornarmos pessoas “dotadas de mente celestial”.

Um profissional toma seu treinamento e sua carreira com o máximo de seriedade. Um desportista mantém-se sempre em boa forma física, e pratica as suas técnicas com idênticas concen-

tração. A meditação envolve a mesma seriedade e dedicação. Sua preocupação é com Deus e com os “negócios celestes”. Trata-se de trabalho árduo, como subir um monte; perdura pela vida inteira; demanda humildade de espírito; enxerga o pecado em nossas próprias vidas com profunda contrição e arrependimento, com um senso crescente de sua ameaça contra nós.

Um dos puritanos, de nome Richard Baxter, escreveu um bem conhecido clássico sobre a meditação, intitulado O Descanso Eterno dos Santos. Ele via a meditação, acima de tudo, como a “mente celeste”. Para ele, isso significa ver todas as coisas a nosso respeito dentro do contexto da presença de Deus, sem importar se fosse o vô ascendente de uma ave, o som dos sinos de uma igreja, a rotina diária do trabalho, ou as visões, os cheiros e os sons da terra ao nosso redor. Tudo isso aumenta nosso senso de vida na presença de Deus, em louvor, ação de graças e adoração.

Contemplação

Muitos escritores, sobre a oração confundem a contemplação com a meditação, ou falam sobre essas duas coisas como se fossem uma só. Portanto, em que essas duas coisas diferem?

A meditação envolve-nos em comunicação verbal e simbólica, onde a mente se mostra ativa, consciente tanto de nossos pensamentos como de nossos sentimentos. Na contemplação, a presença de Deus torna-se tão intensa e intimamente rela que a descrição sobre Ele cede lugar à pura consciência de Sua presença. Palavras e até pensamentos não continuam sendo necessários.

Muitos escritores místicos descrevem o seu progresso da meditação para a contemplação em termos de atravessarem um deserto espiritual, ou passagem por uma experiência chamada “a noite negra da alma”. Essa experiência dura simplifica a nossa confiança, amor e desejo por Deus, ultrapassando os nossos sentidos.

As experiências de oração que nos foram narradas por Teresa de Ávila podem encorajar-nos a movimentar-nos do mero “dizer as nossas orações” para entrarmos mais profundamente em uma vida de oração que experimenta todos os quatro quadrantes do diagrama que desenhamos antes. A coletânea de orações mais antigas, feitas por Teresa de Ávila, foi baseada quando, como criança, ela refletia sobre a paixão de Cristo, todas as noites, antes dela dormir:

Estou certa de que minha alma obteve grande progresso através desse costume, porquanto comecei a pôr em prática a oração sem saber o que era.

Isso ajudou a pô-lo na estrada de uma vida de oração, de tal modo que, conforme ela disse, “eu estava resolvida a seguir o caminho da oração com todas as minhas forças”.

No começo, Teresa esteve satisfeita com sua vida de oração, mas logo seguiu-se um período de quase vinte anos em que ela evitava a oração e sentia-se profundamente frustrada por esse motivo. Ela vivia cercada de freiras, no convento, que não tinham regras e nem praticavam a oração pessoal e particular. Ela também se sentia frustrada sobre como ela deveria praticar a meditação, e tudo quanto ela conhecia era a oração verbal e pública. Acima de tudo isso, ela descobriu que quando ela procurava orar pessoalmente, ela não conseguia controlar seus próprios pensamentos.

Durante todos aqueles anos, exceto após a comunhão, eu nunca ousei começar a orar sem a ajuda de um livro. Porque a minha alma estava tão temerosa de começar a orar sem um livro de orações como se ela tivesse de combater com muita gente ao mesmo tempo.

Sem um livro, “minha alma era lançada na confusão e meus pensamentos corriam desembestados”. Teresa também nos confiou que:

Por diversos anos, com frequência eu ansiava mais que a hora que eu tinha resolvido passar em oração terminasse do que eu desejava permanecer ali, e ansiava mais ouvir o toque do relógio do que atender a outras coisas boas. Por muitas vezes, eu teria preferido passar por alguma penitência do que recolher-me na prática da oração.

Para Teresa de Ávila, a oração tornou-se um campo de batalha para suas tensões e para sua consciência agoniada. Ela chegou assim à conclusão, mais ou menos na metade do caminho de seus vinte anos de lutas, de que era mais honesto desistir inteiramente da oração do que continuar na luta. E então, em uma série de experiências místicas ela se identificou primeiramente com Maria Madalena, aos pés de Jesus, implorando-Lhe seu perdão, e, mais tarde, com Agostinho, em sua obra *Confissões*. Em ambas as ocasiões, Jesus veio a ela pessoalmente. Daquele ponto em diante, seu crescimento na oração contemplativa tornou-se uma série de experiências para achar-se na presença de Jesus, a quem ela começou a amar apaixonadamente. Ela relatou alguns dos estágios do sentido intensificado da presença de Cristo em seu livro, chamado *O Castelo Interior*.

A oração mística, portanto, é aquela consciência profundamente pessoal da presença de Deus conosco e em nós. Teresa de Ávila disse que a oração mental (ou meditação) “nada é senão uma conversação íntima entre amigos; significa conversar, com frequência e sozinha, com Aquele que sabemos que nos ama”. Em seguida, ela adicionou:

A fim de que o amor seja verdadeiro e a amizade perdure, as vontades dos amigos devem estar em acordo com a nossa vontade... E se você ainda não O ama conforme Ele o ama... você resistirá a essa dor de passar um longo tempo com alguém tão diferente de você, quando você vir o quanto Lhe será benéfico possuir Sua amizade, e o quanto Ele Lhe ama... Oh, como és um bom amigo, meu Senhor!

Para Teresa de Ávila, a contemplação significava simplesmente a manifestação maravilhosa da amizade que é a oração. Essa é a essência da amizade, primeiramente em conversação (como é a oração verbal), e então, na meditação do que significa tal amizade (conforme é a oração meditativa), e, finalmente, na experiência real experimentar a mutualidade de tal amor, na presença um do outro.

Teresa dizia que essa amizade é ativada por “conversar frequentemente e sozinha”. Podemos tomar a iniciativa nisso, tomando nós o tempo para estarmos sozinhos na presença de Deus, mas a experiência real e mística da presença de Deus vem pela iniciativa divina. Nesse ponto, observou Teresa de Ávila, precisamos “não de pensar muito, mas antes, de muito amor”. “Isso não requer que se faça muita força, mas tão-somente é preciso amor e hábito”.

Também precisamos ser capazes de aceitar as tensões de nossa amizade com Deus. Precisamos aprender a viver com nosso próprio senso de falta de dignidade, por termos um amigo cujo amor por nós é tão grande, que nunca poderemos dar-Lhe o amor que Ele merece. Contudo, a oração contemplativa livra-nos da culpa e da frustração, ao ficarmos totalmente absorvidos com a Sua presença e com o Seu amor. Aprendemos que podemos relacionar-nos com Ele mais íntima e concretamente do que com qualquer amizade humana. A amizade com Ele estabelece o ritmo de todos os nossos outros relacionamentos, ajudando-nos a ver por que eles são, quando muito, sombrios e inconsistentes, em comparação com a amizade com Deus.

A experiência da oração contemplativa remove para sempre a tentação de assumirmos que deve haver algumas técnicas ou alguns métodos de que precisamos usar, a fim de desenvolvermos na oração. Em lugar disso, descobrimos que essa amizade, que é a oração, está tão remota da controladora tecnologia da mente como o céu está distante da terra.

A oração estática

Este capítulo evita, deliberadamente, qualquer descrição dos vários tipos de oração contemplativa, conforme ela foi experimentada pelos místicos cristãos. Isso é assim porque a jornada contemplativa e suas experiências são, essencialmente pessoais, ao invés de serem públicas. O alvo dessa jornada é o arrebatamento, declarando conforme o fez o apóstolo Paulo:

Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim.
(Gl 2.19,20)

Em seus próprios sofrimentos e fraquezas, Paulo também teve experiências místicas. “Se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe”. Ele não chamou a nossa atenção para essas experiências, mas pelo contrário, concentrou seus efeitos sobre a sua vida, que tinham sido transformar seu senso de fraqueza em uma nova expressão de força em Deus. É o estado de amor a Deus, a linha d’água da oração contemplativa, que transforma toda tristeza em uma alegria inexprimível. Isso ajuda a gerar, em nossas vidas, o dinamismo do “amor, da alegria e da paz”, que por tantas vezes Paulo usou ao saudar os seus amigos.

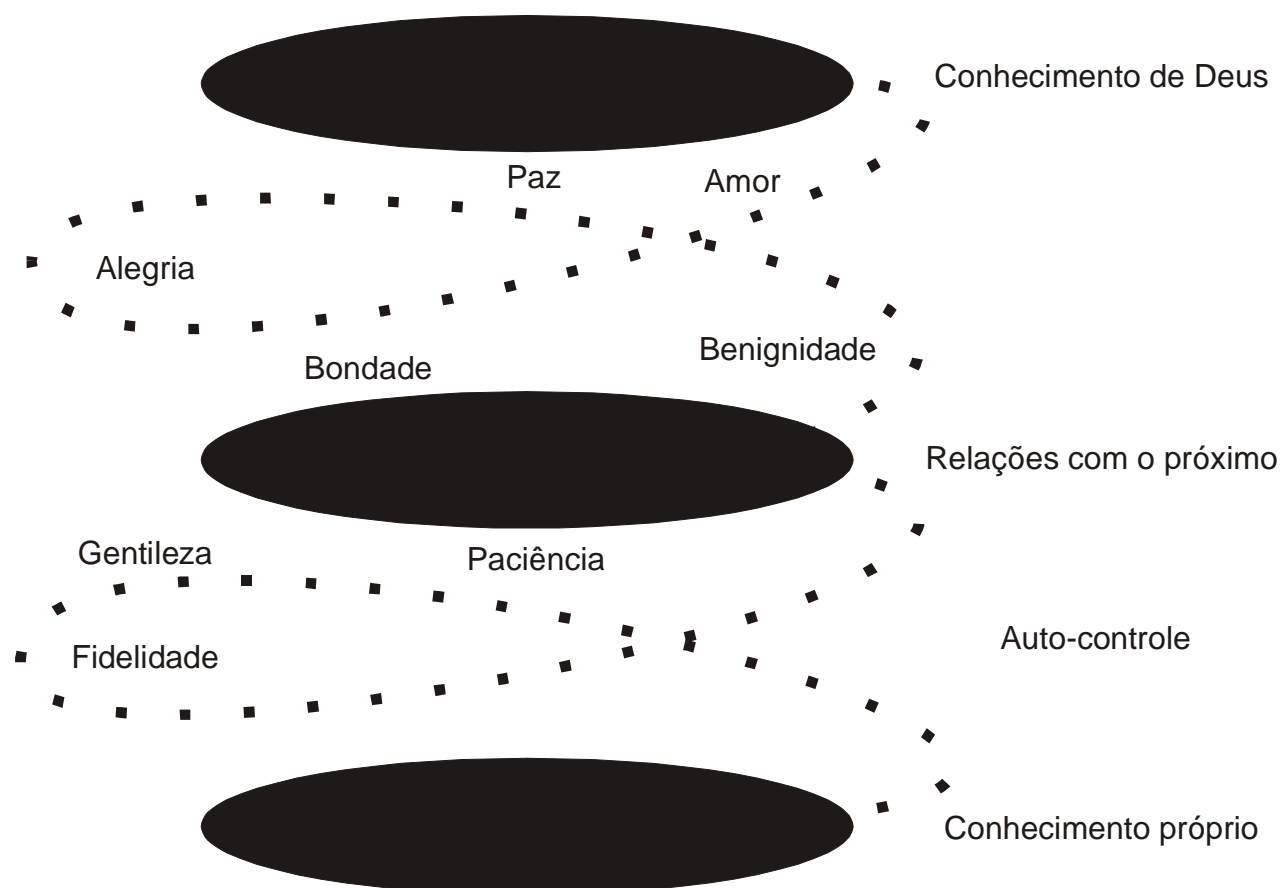
O êxtase é o verdadeiro clímax de nossa amizade com Deus em oração. A palavra “êxtase” vem diretamente do grego, que significa, literalmente, “sermos tirados para fora de nós mesmos”. Em português também usamos essa idéia quando falamos sobre pessoas “estarem fora de si mesmas”, devido à alegria, à ira ou alguma outra forte emoção. Experimentar o êxtase em oração significa que somos tirados de nós mesmos; não estamos mais no controle, porque o amor de Deus é que passou a nos controlar. Não vivemos mais pelo esforço humano, mas pelo poder do Espírito de Deus, que veio viver em nosso interior. Nesse sentido, nossas vidas inteiras, controladas por Deus, tornam-se extáticas.

O Espírito Santo produz em nossas vidas as qualidades que o apóstolo Paulo chamou de “o fruto do Espírito”, incluindo o amor, a alegria e a paz. É esse fruto que nos restaura nossa plena humanidade e a felicidade que Deus sempre tencionou para nós. Disse Paulo: “*Porque o reino de Deus não é comida nem bebida – atividades essas que, segundo pensamos, nos trarão felicidade – “mas justiça, e paz e alegria no Espírito Santo”* (Rm 14.17). Por conseguinte, podemos usar outro diagrama, conforme aparece na página seguinte, para mostrar que o “fruto do Espírito” é a expressão dinâmica de uma vida transformadora em nosso relacionamento com Deus, com outras pessoas e com nós mesmos.

Na vida de oração somos apanhados no próprio Ser de Deus como Trindade, relacionando-nos ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. O impulso para cima dessa nova vida leva-nos a uma mais profunda qualidade de amizade com Deus, em amor, alegria e paz, e a uma mais positiva e criativa relação com outras pessoas e conosco mesmos. A “gentileza” é uma chama elementar da vida espiritual; ela encoraja a influência estabilizadora da fidelidade, a qual, por sua vez, produz o autocontrole.

Desse modo, a espiral ascendente de nossas vidas estende-se para fora para abarcar a outros nessa experiência extática, e se move mais profundamente para o âmago de nossas almas, de tal modo que todos os nossos relacionamentos, são transformados, elevando uns aos outros, por sua vez.

Podemos ter um amigo íntimo ou um cônjuge que pareça ter-se tornado por demais “místico”, explorando a vida de oração muito mais do que nós. Não precisaremos ter receio das consequências, porque seremos os primeiros a ser beneficiados devido à mudança ocorrida em nosso amigo ou cônjuge! Esteja em amor com Deus, e seu amor por seus amigos será mais rico e maior. Disponha-se a ser reconhecido por Deus, e todo o temor da solidão será dispensado no êxtase da alegria de que você é conhecido e aceito por Deus. Abra-se para entregar-Lhe o controle sobre a sua vida, abandonando-se aos cuidados de Deus, e você estará protegido por aqueles que nos dá “paz que ultrapassa todo o entendimento”.



Por sua vez, a bondade e a benignidade que mostrarmos para com outras pessoas não será mais rígida e autossessiva, mas relaxada e doadora, fluindo incessantemente de uma fonte oculta de vida, dentro de nós mesmos. E em nosso relacionamento com nós mesmos, ou da inconsistência, ou da falta de auto-liberdade. Ao invés disso, haverá gentileza, fidelidade e auto-controle, que provará o poder da amizade transformadora de Deus.

Muitas pessoas tendem a saltar do exercício da oração verbal para uma experiência carismática da oração extática, acreditando, genuinamente, que isso é tudo de que eles precisam para uma experiência dinâmica com o Espírito de Deus. Mais tarde, eles podem tornar-se desiludidos, descobrindo que os dons que eles recebem por adorarem a Deus não são tudo quanto eles estavam esperando. Podemos passar pelo dom de línguas ou receber o dom da profecia, e, no entanto, permaneceremos virtualmente não-mudados como pessoas, embora tenhamos começado esperando mudanças dramáticas em nós mesmos. A mesma coisa é verdadeira no caso daqueles que passaram por uma poderosa experiência de conversão. A experiência pode dar-

nos um início de vôo na vida cristã, mas depender desse experiência sem prosseguir na oração também leva-nos diretamente à desilusão e à frustração.

Por causa disso, é muito mais realista e bíblico esperar que nossa transformação, da parte de Deus, seja um processo gradual, requerendo esforço sustentado e disciplina na oração. Avançamos em nossa jornada progredindo da oração verbal, através de um aprofundamento de nossas vidas através da meditação. O próximo passo de nossa jornada será receber experiências contemplativas da presença e do amor de Deus.

Finalmente, veremos o fruto do Espírito na oração extática, produzindo transformações por todos os aspectos de nossa vida. Não poderemos apressar esse processo, embora possamos abrandar-lhe o ritmo, mediante a ausência de desejo consistente, de progredir nas diferentes experiências da oração. Esse é um processo difícil, mas que produz alegria.

O livro clássico de histórias infantis, *The Wind in the Willows*, escrito por Kenneth Grahame, pode não parecer uma fonte provável de instruções para aquilo sobre o que vimos discutindo até o momento! E, no entanto, ilustra à perfeição o espírito daquilo que se faz necessário. Uma das crianças Lontras, Portly, se perdera, e estando incapaz de dormir por estar preocupado, Rato sugeriu a seu amigo, o Toupeira, que saíssem até à beira do rio em busca da criança. Quase ao romper do dia, Rato ouviu uma música sobre a qual nunca tinha sonhado:

A chamada no mesmo é mais forte do que a música é doce! Reme, Toupeira, reme! Pois a música e a chamada devem ser para nós.

A princípio, Toupeira ouviu apenas o vento soprando entre as canas, juncos e vimeiros, mas remando constantemente para a frente, ele também ouviu o som.

Sem respiração e transfixo, o Toupeira parou de remar, quando o correr líquido daquele gotejar caiu sobre ele como uma onda, apanhou-o e assenhoreou-se dele completamente. Ele viu as lágrimas nas bochechas de seu companheiro, inclinou a cabeça e compreendeu...

Então, de súbito, o Toupeira sentiu uma profunda admiração cair sobre ele, uma admiração que transformaram seus músculos em água, fê-lo inclinar a cabeça e arraigou seus pés no solo. Não foi um terror pânico – de fato ele se sentiu em maravilhosa paz e felicidade – mas foi uma admiração que o apagou e se apossou dele, e, mesmo sem vê-lo, ele compreendeu que só podia significar que a Presença augusta estava muito, muito próxima. Com dificuldade ele voltou-se para olhar para seu amigo, e viu-o a seu lado, acovardado, ferido e tremendo violentamente. E, no entanto, havia total silêncio nos ramos cobertos de aves ao redor deles; e, no entanto, a luz foi resplandecendo cada vez mais.

Talvez ele nunca devesse ter ousado elevar os olhos, mas embora o gotejar agora tivesse parado, a chamada e a convocação ainda pareciam dominantes e imperiosas. Ele não deveria rejeitar a chamada, pois a própria Morte esperava para feri-lo instantaneamente, embora ele tivesse olhado com olhos mortais para coisas como justiça conservadas ocultas. Tremendo, ele obedeceu, e ergueu sua humilde cabeça, e então, na total clareza da manhã que clareava, enquanto que a Natureza, abrilhantada pela plenitude de uma cor incrível, parecia sustentar a respiração por causa do evento, ele olhou nos próprios olhos do Amigo e Ajudador... viu, dormindo profundamente, em inteira paz e contentamento, a figura pequena, redonda, gorducha, infantil da criança Lontra. Tudo isso ele viu, por um momento sem respiração, intenso, vívido, no céu da manhã, e, contudo, quando ele olhou, ele reviveu, e não obstante, ao reviver, ele perguntou: “Rato!” Ele encontrou hálito para sussurrar, todo trêmulo. “Você está com medo?” “Com medo?” murmurou o Rato, seus olhos brilhantes com um amor inexprimível. “Com medo Dele? Oh, nunca, nunca! E contudo – e contudo – oh, Toupeira, eu estou com medo!”

Então os dois animais, prostrando-se em terra, inclinaram suas cabeças e adoraram...

Quando foram capazes de olhar uma vez mais, a Visão tinha-se desvanecido, e o ar estava repleto do cântico de pássaros que saudavam o surgir da manhã.

Após essa experiência inspiradora, os animais apenas se preocupavam em consolar a pequena Lontra que se tinha perdido, pois eles mesmos tinham tido um encontro com o Ajudador e Curador.

A comunhão dos santos é uma amizade sustentadora, um amor mútuo de Deus que nos ajuda a avançarmos pela estrada. Um grupo na história da Igreja (no vale do Reno, durante o século XIV) chamou a si mesmos de “os Amigos de Deus”. Eles queriam descobrir a amizade de Deus de uma maneira mais íntima do que a Igreja os tinha encorajado. Eles tentaram revitalizar a vida espiritual das comunidades locais mediante a escrita de cartas, visitando pessoas, e o que eles chamaram de “amizades de alma”. Eles vieram a tornar-se uma das grandes forças espirituais da Europa, antes dos dias da Reforma Protestante.

Talvez precisemos hoje do despertamento de um movimento similar ao dos Amigos de Deus, para trabalhar contra a alienação que arruína nossas vidas com auto-interesse e com a negação da comunidade. Encorajarmo-nos uns aos outros, como amigos da alma, na vida da oração, poderia, uma vez mais, tornar-se uma força revolucionária. Em nossa cultura de divórcio, muitas pessoas desejam por relacionamentos mais profundos e mais satisfatórios. A solidão é outro problema profundo de nossa época. A falta de oração, igualmente, afeta a muita gente, tanto dentro como fora da Igreja. Conforme os livros, sobre a espiritualidade vão-se tornando mais populares, e as obras clássicas sobre a fé e a devoção, vão sendo recompostas e reimpressas, muitas pessoas lêem-nas avidamente, sem que suas vidas sejam afetadas no menor grau. Talvez em tal clima precisemos orar conforme Henri Nouwen já orou:

Oh, Senhor, pensando sobre Ti, estando fascinado por idéias e por discussões teológicas, sentindo-me excitado sobre histórias de espiritualidade e estimulado por pensamentos e idéias a respeito da oração e da meditação, tudo isso pode ser meramente expressão de ganância, como o desejo louco por alimentos, possessões materiais ou poder. A cada dia vejo novamente que somente Tu podes ensinar-me a orar, somente Tu podes permitir-me habitar em Tua presença. Nenhum livro, nenhuma idéia, nenhum conceito e nenhuma coisa jamais me poderá fazer aproximar-me de Ti, a menos que tu mesmo permitas que esses instrumentos tornem-se o caminho para Ti.